

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 37 • 2026



**3.º COLÓQUIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DAS IDEIAS
E DOS CONCEITOS EM ARQUEOLOGIA
O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA E O SEU ENQUADRAMENTO
NO CALCOLÍTICO DO SUL PENINSULAR
ACTAS**

Editor científico: João Luís Cardoso

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2026**

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)
- Professor Doutor Mário Barroca (Universidade do Porto)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 37 • 2026 ISSN: 0872-6086

DOI: 10.5281/zenodo.19817015

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. – Amares – Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

O 3.º MILÉNIO AC NO SUL IBÉRICO. BREVE SÍNTESE

THE 3RD MILLENNIUM BC IN SOUTHERN IBERIA: A BRIEF SUMMARY

Joaquina Soares¹

Neste 3.º Colóquio História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia, dedicado ao Calcolítico do sul peninsular, tivemos o raro privilégio de viajar, num extraordinário acerto de relógios e de conceitos, por sítios e territórios, em integral atravessamento do sul ibérico, desde a margem atlântica, partindo do bem estudado povoado fortificado de Leceia², até ao Mediterrâneo, terminando com a revisitação, enriquecedora e problematizante, de Los Millares.

A realidade arqueológica mostra formas e sistemas de povoamento com alguma diferenciação regional, mas obedecendo a semelhantes pressupostos económicos e sociais. A imagem cumulativa esboçada pelas comunicações apresentadas tende a unificar o Sul ibérico, no intervalo de 3300 a 2200 cal BC. (Fig. 1). No entanto, em abordagem de proximidade, observa-se, como expectável, evidência de diversidade, de acordo com as especificidades da geografia física e das conjunturas que moldaram os percursos históricos quer sub-regionais, quer locais.

A Estremadura portuguesa, bem representada pelas contribuições de João Luís Cardoso, que em análise comparativa dos povoados fortificados de Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo, para os quais dispomos de plantas completas, estudos exaustivos de artefactos e ecofactos, tabelas de cronologia radiocarbónica e cortes estratigráficos publicados monograficamente, sublinha justamente a diversidade funcional, as diferenças de escala e de temporalidades, que subjazem ao conceito de povoado fortificado calcolítico³.

Os povoados fortificados/recintos muralhados do Calcolítico da Estremadura apresentam áreas claramente diferenciadas, que suportam um modelo de povoamento hierarquizado. Considere-se, como exemplos, Leceia com cerca de 1,2 ha e Outeiro Redondo, com uma área inferior a 0,5ha ou o Zambujal, onde a área esti-

¹ Investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa / FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto UID/00698. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

² CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*, 19, 1, p. 37-55. CARDOSO, J. L. (2022) – *O povoado pré-histórico de Leceia. Cinquenta anos de trabalhos arqueológicos (1972-2022)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 31).

³ Povoado fortificado ou recinto muralhado são utilizados indistintamente neste texto como sinónimo de sítios de residência, dotados de arquitecturas de carácter defensivo/militar e doméstico. Descartamos a perspectiva de Vitor e Susana de Oliveira Jorge e outros, que atribuíam aos povoados fortificados calcolíticos a função primordial de monumentalização do espaço, pois o efeito de monumentalização é consequência do objectivo de defesa (JORGE, S. Oliveira (1999) – Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). *Geschichte der Interpretations-versuche. Madrider Mitteilungen* 40, p. 80–96).

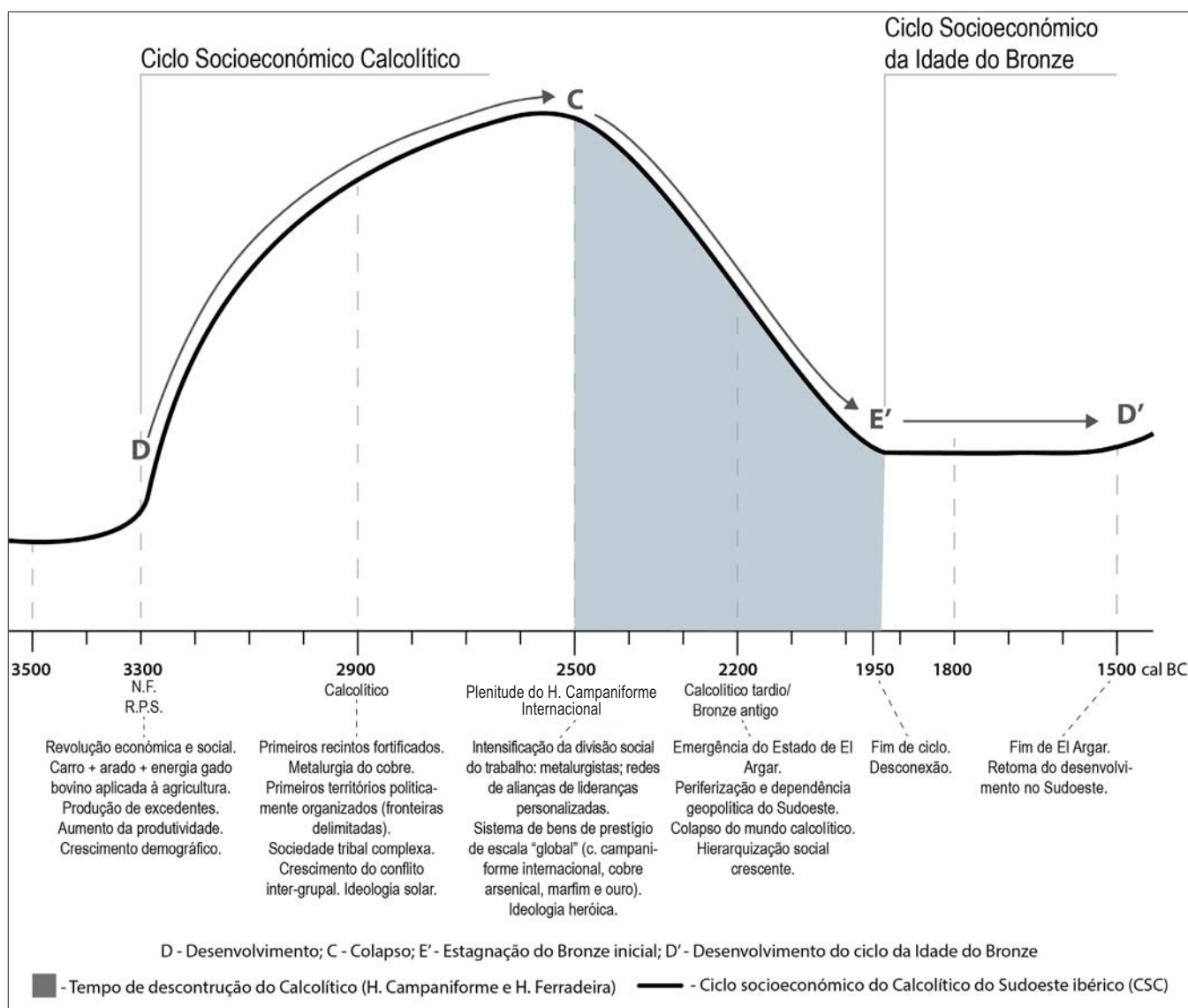


Fig. 1 – Modelo teórico do ciclo socioeconómico calcolítico do Sudoeste ibérico (CSC), em função do comportamento da estrutura económica.

D – desenvolvimento; C – Declínio e Colapso.

mada até à 4.^a linha de muralhas terá cerca de 2,6 ha, mas se a estimativa levar em consideração a hipotética 5.^a linha, o sítio teria uma área a rondar os 4,8ha (prospecções geomagnéticas têm vindo a sugerir apreciável expansão para o exterior do recinto muralhado, associada a possíveis fossos e estruturas funerárias) ⁴.

Por outro lado, Moita da Ladra constitui uma notável descoberta que rompe com o paradigma tradicional que atribuía ao Horizonte Campaniforme ou Calcolítico tardio desta região não mais que a reutilização de escombros dos recintos fortificados da primeira metade do 3º milénio. Com efeito, as elites campaniformes

⁴ KUNST, M. (2006) – Zambujal and the enclosures of the Iberian Peninsula. In A. HARDING, S. SIEVERS AND N. VENCLOVÁ (eds.). *Enclosing the Past: inside and outside in prehistory* (Sheffield Archaeological Monographs 15), p. 76-96.

não só ergueram torres mais ou menos monumentalizadas sobre os anteriores recintos fortificados, como no Zambujal (Torres Vedras), no Monte da Tumba (bacia do Sado) ou em Porto das Carretas (Médio Guadiana), mas também construíram fortins *ex nihilo*, em sítios de altura, dotados de boas condições geoestratégicas, como teria justamente sucedido em Moita da Ladra, fortim debruçado sobre o Tejo.

A contribuição de Ana Catarina Sousa, André Texugo e Victor S. Gonçalves, igualmente sobre os recintos muralhados do 3.º milénio na Estremadura, coloca em destaque a necessidade de abordagens regionais⁵ e de fino controlo das temporalidades para a apreensão do tipo e dinâmicas de povoamento. Aparentemente dotada de densa, mas dispersa, rede de pontos, a imagem cartográfica da Península de Lisboa sugere complexa rede de interacções, na região portuguesa onde primeiro se iniciaram os estudos sobre a então designada “Cultura de Vila Nova de S. Pedro”, mundo paralelo ao de Los Millares, em geografia mediterrânea.

Sobre o projecto de reactivação dos estudos do sítio de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) e discussão da sua arquitectura na óptica do conflito e violência plasmados nas paisagens ibéricas do 3º milénio, versou a comunicação de Mariana Diniz, Andrea Martins, César Neves e José M. Arnaud, muito havendo a esperar, nomeadamente sobre a área efectiva do povoado e sobre as funções que desempenhou na rede de povoamento regional, face à excepcional qualidade da sua cultura material.

Também Los Millares está sendo objecto de novo inquérito arqueológico que enfatiza perspectivas de integração territorial e dinâmicas sociais. Alberto Dorado Alejos, Juan Antonio Cámara Serrano e Francisco Javier Castillo Gallego actualizaram a informação, definiram novas metas, dando continuidade ao imenso trabalho que sucessivas equipas da Universidade de Granada têm desenvolvido neste extraordinário sítio arqueológico.

De Granada, Antonio Morgado e David García-González trouxeram a recente descoberta do recinto muralhado de Villavieja (Algarinejo), na cordilheira bética, extraordinariamente bem conservado, com cerca de 3ha cingidos por robusta muralha de planta arqueada, com cerca de 300m de comprimento e altura superior a 3 metros, reforçada por bastiões, que mais uma vez confirma o padrão genérico de “arquitectura militar” disseminado pelo sul da Península Ibérica, na primeira metade do 3º milénio, bem como o seu declínio/abandono, na segunda metade do mesmo milénio, quando na cultura material móvel se regista o aparecimento de cerâmica campaniforme. Em Villavieja está bem expressa a capacidade construtiva das sociedades calcolíticas ibéricas e a sábia adaptação do “modelo teórico” às particularidades do terreno. A estrutura murária interrompe-se na escarpa que de forma natural defendia o povoado, como se verifica em outros casos, por exemplo no distante povoado fortificado de Chibanes (Palmela), cuja estrutura defensiva, salvaguardadas as diferenças de escala, oferece evidentes paralelos⁶. O intenso conflito intergrupar instalado entre as sociedades calcolíticas ibéricas, na primeira metade do 3.º milénio, gerador de ambiente “de guerra total” para usar uma expressão de Pierre Clastres⁷, pode ter actuado como mecanismo de defesa contra a precoce afirmação do Estado.

Na vasta região considerada, o tempo de partida, segundo todos os indicadores arqueológicos, é de desenvolvimento económico-social, de crescimento demográfico, de produção de excedentes, de intensificação de trocas, algumas extra-peninsulares (p. ex. marfim), de emergência de macro-aldeias rodeadas por fossos, particularmente numerosas no Sudoeste ibérico, e de recintos dotados de arquitecturas tipicamente militares. Porém, em meados do 3º milénio, entra-se na curva descendente do ciclo de desenvolvimento calcolítico (Fig. 1).

⁵ Ver SOUSA, A. C. (2021) – *O Penedo do Lexim (Mafra) e o Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa* (Trabalhos de Arqueologia, 56). Lisboa: Direção Geral do Património Cultural/Câmara Municipal de Mafra/ UNIARQ.

⁶ TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (2014) – O Castelo de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A.I. Marques da Costa* (Setúbal Arqueológica, 15), p. 105-172.

⁷ CLASTRES, P. (1974) – *La société contre l'état*. Paris: Les Éditions de Minuit.

É então tempo de desconstrução da organização social parental e linhageira, onde a diferenciação social de tipo horizontal dará progressivamente lugar a desigualdade verticalmente estruturada, e a formas de poder muito hierarquizadas, de cariz meritocrata, mais ou menos personalizado, a par de uma crescente valorização dos artefactos sociotécnicos e das armas, no final do 3.º quartel do milénio, em torno de 2300/2200 cal BC.⁸

Usando uma metáfora, poderíamos dizer que o culto hegemónico do astro solar durante a primeira metade do 3.º milénio, iluminando o céu de todos⁹ é ofuscado durante o Calcolítico tardio pelo fascínio do ouro, cujo brilho ilumina apenas o céu das elites¹⁰.

No que concerne à periodização deste lapso de tempo, a arqueologia portuguesa segmenta-o em dois períodos, o Neolítico final, correspondente ao último quartel do 4.º milénio, e o Calcolítico, à primeira metade e 3.º quartel do 3.º milénio AC. A arqueologia espanhola integra o último quartel do 4.º milénio AC já no Calcolítico. Seria vantajoso uniformizar a periodização, pois as actuais fronteiras políticas são francamente artificiais.

A continuidade cronológica observada em muitos recintos de fossos fundados no último quartel do 4.º milénio cal BC¹¹ e abandonados somente no Calcolítico tardio/Bronze antigo poderia desaconselhar a periodização portuguesa, tanto mais que é durante o último quartel do 4.º milénio que surgem inequívocos indícios da revolução tecnológica e energética responsável pelo sucesso da economia agro-silvo-pastoril (RPS), geradora de excedentes que permitiram a divisão intrassocial do trabalho e a emergência das sociedades paleo-meta-lúrgicas. Porém, uma significativa mudança ocorre nas paisagens antropizadas no dealbar do 3.º milénio, por volta de 2900-2800 cal BC, a qual sustenta o corte com a realidade anterior. Referimo-nos ao aparecimento de pequenos e médios povoados fortificados e/ou fortins, que obviamente anunciam uma realidade socioeconómica nova: territórios politicamente organizados, cujas fronteiras aqueles povoados fortificados têm justamente a função de defender. A sedentarização efectiva e a dinâmica de crescimento demográfico aportados pela RPS obrigaram a um controlo apertado dos territórios e seus recursos críticos como a água e o solo arável e criaram condições de forte competição pelos referidos recursos e consequente interacção intergrupual negativa. Pequenas fortificações de altura, com muralhas, torres e bastiões, como o sítio de São Pedro (Redondo), objecto de comunicação a este colóquio por Rui Mataloto e Catarina Costeira ou Porto das Carretas (Mourão), na margem esquerda do médio Guadiana, sobranceiro ao rio, pelo investimento que comportaram face à respectiva área útil, só se explicam cabalmente quando enquadrados nos respectivos “sistemas produtivos locais”. No caso de Porto das Carretas, foi possível integrá-lo no que designámos por território do Triângulo da Luz, com uma área entre 170 km² e 200km², e embora dotado de relativa autonomia, nomeadamente por via da exploração agropecuária do sítio aberto do Mercador, a principal função do Porto das Carretas terá sido a de vigiar o Guadiana e defender a fronteira ocidental do sistema produtivo local, polarizado pelo extenso povoado

⁸ SOARES, J. (2021) – Searching for the Turning Point to Bronze Age Societies in Southern Portugal: Topics For A Debate. In LOPES, S. and GOMES, S. (eds.). *Between the 3rd and 2nd Millennia BC: Exploring Cultural Diversity and Change in Late Prehistoric Communities*. Archaeopress 2021, p. 82-104.

⁹ Atenda-se à comunicação apresentada por João Luís Cardoso, Nuno Neto, Paulo Rebelo e Filipe Martins sobre Porto Torrão, que deu a conhecer cerâmicas decoradas com soliformes e placa de xisto de olhos solares provenientes do estrato basal do povoado de fossos de Porto Torrão.

¹⁰ SOARES, J. (2024) – Sistema simbólico e economia na Pré-história recente do Sudoeste ibérico: a linguagem dos artefactos ideotécnicos. *Madrider Mitteilungen* Bd. 65, p. 10-46 <https://doi.org/10.34780/f834-k9dd>

¹¹ Importa não esquecer que a delimitação do espaço habitado por fossos corresponde a uma tradição construtiva cujas origens remontam ao Neolítico antigo, p. ex. La Revilla del Campo, no 6.º milénio cal BC (KUNST, M. & ROJO GUERRA, M.. 2020) – La Lámpara und La Revilla del Campo. Zwei Siedlungen des frühesten Neolithikums der Iberischen Halbinsel bei Ambrona (Provinz Soria) und ihre absolute Chronologie. Teil 1: La Lámpara. *Madrider Mitteilungen*, 48, p. 1-46. doi:10.34780/6m3g-j52u.

de fossos de Julia4/Luz20. O Triângulo da Luz, pertencente, por hipótese, a um segmento clânico, poderia estar integrado no território tribal do mega-sítio de fossos de La Pijotilla, com os seus 80ha, segundo modelo que temos vindo a propor¹². No limite oriental do suposto território de La Pijotilla foi igualmente identificado um verdadeiro alinhamento de pequenos fortins.

Além da função de defesa territorial de fronteiras, ou de vulnerabilidades no enquadramento geoestratégico dos povoados centrais das redes de povoamento, como poderá ser o caso da cintura de fortins de Los Millares, outras situações, como a defesa e exploração de minas de cobre, terão justificado a construção das pequenas fortificações de Cortadouro (Ourique)¹³ e Santa Justa (Alcoutim)¹⁴ no Alto Algarve ou Cabezo Juré (Huelva), no Andévalo oriental¹⁵.

Os recintos de fossos representados nesta reunião pelos de Porto Torrão (o mais extenso em território português, com c. 75-100ha), através da comunicação de João Luís Cardoso, Nuno Neto, Paulo Rebelo e Filipe Martins, e por Valencina de la Concepción (cuja área residencial será de c. 200 ha e a respectiva necrópole, de c. 233 ha), apresentado por Alfredo Mederos Martín e Thomas X. Schuhmacher, parecem constituir lugares centrais de sistemas do povoamento calcolítico, de onde emana o poder político e religioso (função funerária), onde ocorre a agregação de força de trabalho, a acumulação de excedentes, e se processa a sua redistribuição, onde se controlam as redes de trocas e por isso naturalmente abertos à circulação de pessoas e bens, como sugerido, aliás, por análises isotópicas de ^{87/86}Sr e ¹⁸O, que revelaram a presença de elevada frequência relativa de população não-local/ “imigrante”, nas macro-aldeias de La Pijotilla (c. 29%) e de Valencina de la Concepción (c. 31,6%)¹⁶.

Regra geral, os recintos de fossos localizam-se em áreas aplanadas ou de suaves encostas, sobre solos agrícolas de elevada fertilidade e com abundância de água potável, sendo a visibilidade/defesa asseguradas por recintos fortificados estrategicamente localizados. Em alguns recintos de fossos foi possível, como em Porto Torrão, comprovar que os fossos, além da função delimitadora da macro-aldeia teriam também a função de armazenamento de água¹⁷. Raramente, encontramos recintos de fossos dotados de estruturas murárias defensivas como por exemplo em San Blas (Cheles) e San Marcos (Almendralejo)¹⁸, no médio Guadiana,

¹² SOARES, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL, MAEDS.

SOARES, J. (2016) – Social complexity in the third millennium cal BC in southern Portugal, in J. SOARES (ed) *Social complexity in a long-term perspective* (Setúbal Arqueológica 16), p. 77-114.

¹³ TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1976/1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 179-272.

¹⁴ GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ.

¹⁵ NOCETE, F.; ÁLEX, E., NIETO, J. M.; SÁEZ, R. & BAYONA, M. R. (2005) – An archaeological approach to regional environmental pollution in the south-western Iberian Peninsula related to third millennium BC mining and metallurgy. *Journal of Archaeological Science*, 32, p. 1566-1576.

¹⁶ DÍAZ-ZORITA, M. B. & WATERMAN, A. (2014) – El origen y la movilidad de las poblaciones de la Edad del Cobre y Bronce en el Sur Peninsular a través de los análisis de isótopos estables de ^{87/86}Sr y ¹⁸O. *2o Congreso de Prehistoria de Andalucía. Movilidad, Contacto y Cambio*, p. 111-120.

¹⁷ RODRIGUES, F. (2015) – Hidráulica na Pré-História? Os fossos enquanto estruturas de condução e drenagem de águas: o caso do sistema de fosso duplo do recinto do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja). In *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Mongrafias, 2), p. 119-130.

¹⁸ HURTADO, V.; ODRIOZOLA, C.; ASUAR, J.P.; JESÚS MORENO (2024) – Nuevos recintos fortificados y con fosos en la cuenca media del Guadiana (España). In DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.)– *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1. estudos & memórias*, 22. Lisboa: UNIARQ/FL-UL, p. 319-340.

respectivamente com c. 30 ha e 60-70 ha, ou em Marroquies Bajos, Jaén, que com os seus 113ha, representam extraordinário investimento.

Em suma, recintos de fossos e recintos fortificados são complementares na construção das paisagens calcolíticas do Sul da Península Ibérica, sendo que os primeiros têm uma antecedência neolítica e os recintos fortificados surgem nos inícios do 3º milénio (2900-2800 cal BC), constituindo os mais expressivos arautos, verdadeiros mega-artefactos, das paisagens calcolíticas.

Finalmente, terminamos esta breve síntese, referindo a comunicação apresentada por Alfredo Mederos Martín e Thomas X. Schuhmacher sobre o mais extenso mega-sítio do Calcolítico ibérico, Valencina de la Concepción (Sevilha). O seu conhecimento baseava-se sobretudo no rico registo funerário da necrópole monumental de *tholoi*¹⁹. A presente comunicação incide, em boa hora, sobre o espaço doméstico. É-lhe subjacente um projecto de investigação que aplicou a prospecção geomagnética a mais de 17 ha do sector NE da jazida²⁰ e que permitiu obter, pela primeira vez, uma planta coerente, constituída por cinco sistemas de fossos concêntricos, numerosas fossas e fundos de cabana de planta circular-ovalada escavados no substrato geológico.

O recinto 5 terá sido provavelmente construído nos inícios do Calcolítico (Calcolítico médio na periodização espanhola), 2857-2578 cal. BC (MAMS-45014) e parece corresponder à máxima expansão do sítio, enquanto o fosso 10 corresponderá ao final da vida do mega-sítio calcolítico de Valencina, entre 2300-2200 cal BC. Os resultados da escavação de estruturas de tipo fossa mostraram que a sua função poderia ser a de simples estruturas de rejeição destinadas a recolher os detritos de actividades domésticas quotidianas, podendo algumas corresponder a depósitos rituais; as cabanas, cujo embasamento era escavado no substrato teriam uma superestrutura de adobes, alguns ainda parcialmente conservados, como observámos também no Monte da Tumba (Torrão)²¹, o que reafirma a importância da arquitectura em terra nestes povoados calcolíticos. A informação sobre estruturas domésticas de Valencina de La Concepción, reveladora de uma ocupação contínua do povoado entre 3300/3200 e 2200 cal. BC, anula decididamente algumas interpretações idealistas defendidas nomeadamente por J.E. Márquez Romero (2003) para quem os recintos de fossos não teriam sido povoados, nem fortificações, mas somente espaços de comunicação e de ritual²².

Termino esta breve síntese com a pergunta, que provavelmente a todos se coloca, e que presumivelmente continuará a estimular linhas de investigação futura: que razões maiores terão levado ao brusco colapso do modelo económico-social calcolítico, com suas monumentais e impactantes realizações materiais?²³

¹⁹ GARCÍA SANJUÁN, L. *et al.* (2018) – Assembling the Dead, Gathering the Living: Radiocarbon dating and Bayesian Modelling for Copper Age Valencina de la Concepción (Sevilla, Spain). *Journal of World Prehistory* 2018 (<https://doi.org/10.1007/s10963-018-9114-2>).

²⁰ SCHUHMACHER, TH. X.; FALKENSTEIN, F.; MEDEROS, A.; OSTERMEIER, N.; RUPPERT, M. & BASHORE, C. (2019) – Ausgrabungen und Prospektionen im Nordbereich der chalkolithischen Siedlung von Valencina de la Concepción bei Sevilla (Andalusien). Die Kampagnen der Jahre 2017 und 2018. *Madrider Mitteilungen*. 60, p. 55-101.

²¹ TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica* 8: 29-79.

²² MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (2003) – Recintos prehistóricos atrincherados (RPA) en Andalucía (España): una propuesta interpretativa. In S. OLIVEIRA JORGE (ed.) *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto, p. 269-284.

²³ Texto apresentado no encerramento do Colóquio, em Oeiras a 24 de Maio de 2024.